

Ailton Jose Morelli
(ORGANIZADOR)

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE HISTÓRIA

FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

EAD
Nº 27

LOPEZ, André Porto Ancona. Utilização de documentos
imagéticos na pesquisa em História. In: MORELLI, Ailton
Jose (org.). *Introdução ao estudo da História*. Maringá:
Eduem, 2005, p. 71-78 (Coleção Formação de professores
-EAD, nº 27).¹



CAPÍTULO 6

UTILIZAÇÃO DE DOCUMENTOS IMAGÉTICOS NA PESQUISA EM HISTÓRIA

André Porto Ancona Lopez

o documento imagético ou não está inserido na trama das relações da sociedade da qual faz parte. Desta maneira, sua compreensão não pode se dar isoladamente do contexto histórico cultural do qual ele é tanto um produto quanto um dos inúmeros fatores constituintes. De acordo com Paola Carucci (1987, p.14):

Um romance ou um filme são prioritariamente objeto da crítica estética, mas se os considerarmos como documentos, eles requerem, para a história, um método de análise e verificação que, na sua substância, não se distancia muito ao menos sob certos aspectos daquele utilizado para os documentos de arquivo. A representação de uma época requer ainda a imaginação, que é algo diverso da fantasia: como a história deve saber identificar a realidade política, humana e social que se cristalizou nas formas abstratas e burocráticas da ação formal, do mesmo modo, deve saber encontrar nas representações imaginárias dos acontecimentos, individuais ou coletivos, o reflexo das estruturas políticas e econômicas, das correntes de pensamento, das atitudes, dos prejuízos, dos mitos, dos sentimentos.

Neste sentido, os documentos também podem ser entendidos como fontes de acesso a essas representações imaginárias referidas por Carucci. Elementos da imaginação e do imaginário da sociedade encontram-se, de alguma maneira, incluídos nos documentos por ela produzidos. As imagens fixadas em um suporte, em oposição às imagens mentais, são documentos portadores de uma força emocional muito intensa nessa mediação entre a

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Introdução ao
Estudo de
História

realidade social e a imaginária. A anedota do imperador chinês que tinha seu sono afetado pelo barulho de uma cascata pintada em seu palácio é um exemplo bastante ilustrativo do poder simbólico que as imagens podem representar nessa mediação com o real (DEBRA Y, 1994, p.13).

Do mesmo modo que o imaginário pode transformar a sociedade, ele produz relações, memórias formas de registro e memória social, como, por exemplo, representações pictóricas, registros fotográficos etc., e essas formas de registro, por sua vez, também serão transformadoras. Sob a ótica das representações sociais, tais registros não podem mais ser considerados como uma totalidade passível de leituras universalizantes; ao contrário, devem ser entendidos na sua relação com os elementos simbólicos da sociedade que os produziu.

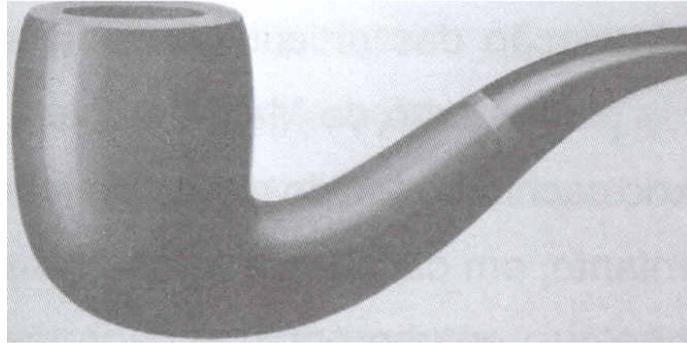
Maria Lígia Prado (1999) mostra como concepções semelhantes acerca da relação entre o homem e a natureza desembocam em projetos políticos diferenciados. Os artistas da Escola do Rio Hudson enfatizarão a grandiosidade dos elementos naturais, ajudando na formulação de um projeto otimista. Por outro lado, no mesmo período, a produção artística argentina não apresentará tanto ímpeto à grandiosidade natural e impulsionará projetos políticos opostos. Os mesmos temas "*a natureza selvagem, a solidão das planícies, as grandes extensões de terras vazias em que o homem entra em contato com a natureza*" (PRADO, 1999, p. 215) e suas correspondentes representações pictóricas redundarão em interpretações diversas sobre a sociedade:

Enquanto o norte-americano retira desse encontro a esperança de um futuro radioso, [...] o argentino entende esse contato como produtor do despotismo, da ausência da res **publica** e da transformação do gaúcho em bárbaro (PRADO, 1999, p. 215, grifo do autor).

O famoso quadro do cachimbo de Magritte (1929) ajuda-nos a exemplificar como tais registros documentais configuram-se tanto como produto, mas também como vetor de articulações simbólicas da sociedade. Magritte, a partir de um cachimbo real seja como um modelo concreto, seja como um modelo mental, obtido a partir de sua experiência com cachimbos reais constrói uma imagem de um cachimbo, com uma legenda ("Isto não é um cachimbo") que nega a materialidade desse objeto e reafirma a condição de representação da imagem, justificando o sugestivo título da pintura: *A traição das imagens*. Afinal, é difícil entender que não há cachimbo algum quando, segundo Foucault (1993).



[...] toda função de um desenho tão esquemático, tão escolar como este, radica em fazer-se reconhecer, em deixar aparecer sem equívocos nem vacilações aquilo que representa (FOUCAULT, 1993, p. 32).



Ceci n'est pas une pipe.

Réne Magritte. La trahison des images (1929)

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CAPÍTULO 6
Utilização de Documentos
Imagéticos na Pesquisa em
História

É interessante notarmos que o quadro dentro de uma ambígua relação de mediação, que, por um lado, é reflexo de uma articulação entre o real (cachimbo) e sua representação (a idéia do autor, o conceito de cachimbo), enquanto que, por outro, nega essa articulação (e nega também o objeto real, por extensão) torna-se vetor da própria configuração do real. O não-cachimbo de Magritte impõe uma rediscussão do conceito de cachimbo. Propõe uma ressignificação do real, desde suas representações, e por fim, das mediações entre eles. A aparente contradição entre a legenda e a imagem do quadro de Magritte pode servir de estopim para uma profunda reflexão das articulações entre o texto e a imagem, entre o imaginário, o real e suas representações, como fez Foucault.

A ressignificação operada a partir da obra também será responsável por sua transformação, por exemplo, em mercadoria como ocorre nas lojas de museus. vindo até a ser vendida estampada em camisetas com opções de legenda, em francês ou inglês¹⁰. Por outro lado, tal divergência entre a legenda e a imagem pode ser simplesmente ignorada por outros espectadores. Em todos esses casos, é possível compreender o papel exercido pela imagem no documento, independentemente do conhecimento da existência da obra.

¹⁰ Uma ampla gama de ofertas de obras de artes transpostas para os mais diversos materiais, como gravatas, cinzeiros, jóias etc. pode ser vista no *Expo-shop*.

¹⁰ Em obra posterior (*La trahison des images*, 1935), Magritte fez um outro não cachimbo, similar ao primeiro, porém traduzindo o texto "*Ceci n'est pas une pipe*" para o inglês. A reprodução da obra em camisetas está disponível para o consumidor em T-Shirt Magritte.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Introdução ao
Estudo de
História

Outro tipo de aproveitamento é a adaptação da idéia, construindo novas imagens, porém criando um vínculo com a pintura original. A compreensão do significado do novo documento só é possível mediante um conhecimento prévio, como ocorre no caso da reconfiguração da imagem pelo próprio Magritte executada 21 anos depois, reafirmando que um cachimbo desenhado continuava a não ser um cachimbo real. A variação nas significações é responsável, em última análise, pela transformação das articulações entre as representações simbólicas e o real operada pelo quadro de Magritte. Cabe destacarmos que o que ocorre com a imagem do cachimbo (ou do não-cachimbo) de Magritte é uma intensa reciclagem. No entanto, em cada uma delas está sendo produzido um novo e diferente documento: o quadro original; cada uma de suas diversas reproduções nos livros, na Internet, na camiseta, nas charges etc.

Essa perspectiva relacional pressupõe os documentos imagéticos tanto na sua organização como na sua utilização para a pesquisa histórica nessa relação entre os elementos representacionais e a concretude da sociedade. A imagem utilizada como evidência no diálogo produzido pelo historiador ao longo de uma pesquisa não pode ser compreendida isoladamente. Em primeiro lugar, é necessário que se estabeleça uma distinção entre a imagem e o próprio documento, impondo uma análise do documento imagético a partir da compreensão dos motivos que nortearam sua produção. O pesquisador deve ser sensível às múltiplas reciclagens de informação imagética. Cada reciclagem é responsável pela produção de um documento distinto, a despeito veicular informações visuais similares, ou idênticas. A dupla característica dos documentos imagéticos que são ao mesmo tempo um registro administrativo e uma expressão artística costuma direcionar a pesquisa para a valorização dos conteúdos da imagem, relegando os aspectos ligados ao contexto de produção documental (quem produziu? E para que finalidades?). As características de registro de uma determinada forma de expressão sociocultural e de registro administrativo são indissociadas, porém a compreensão da primeira só é possível como uma atividade posterior à contextualização do documento dentro do contexto que levou a sua produção.

No caso dos documentos imagéticos, a distinção entre o documento e a informação por ele veiculada tende a não ser percebida facilmente. A imagem apresenta em relação ao documento textual uma tendência maior a ser reproduzida desvinculada das informações sobre a origem administrativa do documento. Assim, por exemplo, uma lista de presença escolar sempre estará associada a sua função inicial, independentemente de ter sido classificada com base na sua informação primária, digamos, por registrar a presença de

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EAD

CAPÍTULO 6

Utilização de Documentos
Imagéticos na Pesquisa em
História

determinado indivíduo famoso, enquanto aluno. Mesmo que partamos dessa informação (a assinatura de Or. Fulano), sempre será possível relacionar o documento com sua atividade produtiva, registro de presença em aulas, e com sua instituição produtora, a escola ou faculdade em questão. Nesse caso, o afastamento dos dados relativos à produção do documento (quem produziu e porque) ocorre em função de sua dissociação dos demais documentos constituintes da mesma atividade isto é: as demais listas que não trazem a assinatura de Or. Fulano, e da separação dos outros documentos gerados pela mesma atividade no exemplo, os diários de classe, os registros de presença na sessão administrativa encarregada etc.

parEm se tratando de documentos imagéticos, essa questão se complexifica. Para ilustrar melhor, seguimos com a hipotética figura ilustre Or. Fulano em sua formação. Um positivo fotográfico, digamos da formatura dessa personalidade, quando isolada, perde todos os referenciais que o configuram como documento, restando apenas as informações relacionadas à descrição do conteúdo imagético. 00 ponto de vista da informação primária, essa imagem pode apresentar os mesmos elementos que diversas outras, por exemplo, o Or. Fulano de beca, recebendo seu diploma na formatura. Mas existem diferenças gritantes, tanto do ponto de vista informativo como documental conforme quem tenha produzido e/ou acumulado esse documento. O centro acadêmico para registro da cerimônia? Familiares ou pessoas d o círculo pessoal de Or. Fulano? A própria instituição de ensino para registro? A comissão de formatura, para posterior venda de cópias? Em cada um desses casos, além do documento imagético responder a funções geradoras distintas, os demais documentos a que se relaciona também serão igualmente diferenciados.

No caso de documentos imagéticos isolados, a eloquência observada nos documentos típicos de arquivo é perdida, sendo mister recuperá-la através de informações complementares tanto do titular quanto dos documentos anexos que se referem à produção e à utilização da imagem. O simples fato de uma imagem isolada normalmente não veicular uma informação precisa acerca do document o faz com que tenhamos que recorrer a outros elementos para podermos compreendê-la. Para a organização desses documentos, os profissionais costumam recorrer às próprias experiência pessoais, ou evocar seu supostos conhecimentos sobre o evento, para realizar uma identificação da referida imagem. Muitas vezes, esse conhecimento se impõe de modo quase que automático e despercebido. Resulta daí a ilusão de que a imagem, por si só, pode dar as informações que permitam contextualizá-la. Na realidade, toda a informação contextual de um documento imagético sempre será de "segunda

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Introdução ao
Estudo de
História

mão", isto é, obtida de modo indireto. A eloquência de um documento administrativo típico contrapõe-se à total mudez de uma imagem quanto aos aspectos de sua produção institucional. Esse silêncio amplia as possibilidades interpretativas dos documentos imagéticos, uma vez que faltam outras referências capazes de direcionar nossa análise, além da nossa própria experiência visual.

Nos documentos fotográficos, o maior problema em relação à tendência de sua organização baseada nos conteúdos informativos, em detrimento da contextualização, parece ocorrer em função da ampla reciclagem da informação veiculada, somada à facilidade de reprodução dessa informação. Deste modo, uma pequena confusão pode ser criada quando não é mais possível determinar com exatidão não apenas o propósito e o produtor iniciais, mas, principalmente, qual é o documento pertencente àquele produtor específico.

A reciclagem da informação promovida pela utilização posterior do documento não pode ser confundida com a função para a qual ele foi produzido. Desse modo, a partir do momento em que um banco de imagens recontextualiza uma imagem de acordo com os interesses de seus pesquisadores, ele está produzindo, na realidade, um novo documento, ao invés de apenas estar disponibilizando uma informação de um fundo privado para os consulentes. Muitas vezes a atitude é inevitável e, nesse caso, deve-se comunicar aos usuários do arquivo que aqueles documentos não estão arquivisticamente contextualizados, porém descritos conforme o conteúdo de sua informação primária.

O documento textual institucional, mesmo dissociado de seu contexto de produção, traz consigo elementos (em maior ou menor evidência) que possibilitam uma reconstituição dessa origem. Nos referimos a informações como a espécie documental (que já traduz por si mesma algumas funções primárias), cabeçalhos de identificação (indicativos do organismo produtor) data, autoria e, sobretudo, um direcionamento direto para sua finalidade. Nos documentos imagéticos de modo geral, essa organicidade só existe à medida que ele mantenha relacionamentos diretos com o organismo produtor e com as atividades para as quais foi produzido. Fora desse contexto, ele se torna um documento vazio.

Em outras palavras, a imagem fixada em um documento situa-se no centro de uma relação na qual influem diversos elementos, desde o percurso técnico sofrido pela organização que disponibilizou o documento para a pesquisa até as múltiplas mensagens, interpretações e apropriações simbólicas. O documento imagético não existe em abstrato, ou em absoluto. Ele é uma prova

mediada por diversas relações: de um lado a sua geração/uso administrativo, de outro lado a interpretação e tradução dessas funções na classificação documental; de um lado tudo aquilo que ela carrega enquanto índice (traço) do real e, do outro, sua leitura/interpretação feita pelo pesquisador. De um lado, o documento é resultante de uma vontade administrativa, fruto de uma determinada concepção de mundo; porém, ao mesmo tempo, é vetor tanto de novas ações administrativas, quanto do entendimento da concepção de mundo.

anotações

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EAD

CAPÍTULO 6

Utilização de Documentos
Imagéticos na Pesquisa em
História

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Introdução ao
Estudo de
História

REFERÊNCIAS

CARUCCI, Paola. **11 documento contemporaneo**: diplomatica e criteri di edizione. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987.

DEBRAY, Régis. **Vida y muerte de la imagen**: historia de la mirada en Occidente. Trad. Ramón Hervás. Barcelona: Paidós, 1994.

Expo-shop: art related gifs. Disponível em: <<http://www.expo-shop.com>>. Acesso em: 24 maio 2000.

FOUCAUL T, Michel. **Esto no es una pipa**: ensayo sobre Magritte. Barcelona: Anagrama, 1993.

MAGRITTE, René François-Ghislain. La trahison des images [1929]. In: Relcom Company / PEIKOM. **Kiarchive/KMapxMB**: <pa~lloBbl~ apXII1B npoBa~Aepa "PeIKoM.,QC". Disponível em: <<http://www.kiarchive.ru:8090/pub/misc/images/painters/magritte/pipe.jpg>>. Acesso em: 24 maio 2000.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Natureza e identidade nacional nas Américas. In: **América latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999.

T-SHIRT Magritte: this is not a pipe. In: **Image exchange**. Disponível em: <<http://www.imageexchange.com/art2wear/t-shirts/6653.shtml>>. Acesso em: 23 maio 2000.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- 1 - Procure relacionar o exercício com o quadro de Magritte.
- 2 - Como uma legenda ou um comentário influencia o que estou olhando?
- 3 - Em um jornal, as imagens (fotos, desenhos, gráficos) estão totalmente relacionadas com as notícias? Escolha algumas matérias jornalísticas nas quais são usadas imagens e textos. Você concorda com o uso da imagem? A foto foi produzida para aquela matéria? E o texto, concorda com a imagem ou a imagem serve apenas para ilustrar o texto?
- 4 - Escolha um livro didático. Analise as figuras que nele aparecem. Compare, como no exercício anterior, a relação das imagens com os textos.